



Mutirões agroecológicos: experiências no Norte e Sudeste do Brasil

Agroecological Collective Efforts: Experiences in the North and Southeast of Brazil

PAULA, C.J.¹; ZERLOTE, R.M.² MARJOTTA-MAISTRO, C. M.³

¹ julianapaula@estudante.ufscar.br; ² matheuszerlote@estudante.ufscar.br; ³ UFSCAR, marjotta@ufscar.br

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Sistemas Agroalimentares e Economia Associativa

Resumo: Dentro da economia solidária temos diversas frentes de possibilidades, uma delas é o mutirão. O presente relato traz as experiências de mutirões em contextos diferentes. Um realizado na Floresta Amazônica, mais pautado na soberania alimentar, e outro no interior de São Paulo, mais pautado na comercialização de alimentos orgânicos em circuitos curtos de comercialização. Em ambos locais o mutirão ajuda a fortalecer a manutenção dos sistemas agroalimentares e da agrobiodiversidade. No que tange a região Sudeste, para garantir a viabilidade dessa relação entre agricultores e co-agricultores são realizados planejamentos anuais para decidir o que será plantado na próxima temporada. Já a região da Floresta Amazônica, enfrenta grandes desafios no que diz respeito à escassez de mão de obra, falta de equipamentos adequados e acesso limitado às políticas públicas. No entanto, por meio dos trabalhos coletivos e dos mutirões superam desafios apontados, fortalecem a comunidade e preservam a agrobiodiversidade.

Palavras-Chave: economia solidária; agrobiodiversidade; cooperação; CSA.

Contexto

A experiência no Norte

A Vila Céu do Mapiá é uma comunidade espiritualista, que tem como base a religião do Santo Daime, localizada na Floresta Amazônica, mais especificamente na floresta nacional do rio Purus de uso sustentável, localizada no município de Pauini, sudoeste do Estado do Amazonas, que abrange 256.000 hectares de floresta primária pouco alterada.

A doutrina do Daime, enquanto um sistema cultural-religioso da ayahuasca, surge durante o final do primeiro ciclo da borracha na Amazônia brasileira do início do século XX, contexto em que milhares de nordestinos, deslocados e diásporizados, passam a trabalhar na extração da borracha, notadamente nos seringais situados nas áreas de abrangência das bacias dos rios Madeira, Purus e Juruá (GOULART, 2004).

A comunidade constitui o maior centro da flona, formada em 1983 pelo seringueiro Sebastião Mota de Melo, juntamente com mais 60 famílias assentadas às margens do igarapé Mapiá, em loteamento estabelecido pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Posteriormente, o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBIO) decretou como reserva, se sobrepondo ao INCRA e transformando como Floresta Nacional.

Em fevereiro de 2019, a Vila Céu do Mapiá se filiou à Rede Global de Ecovilas (GEN), composta por comunidades do mundo inteiro. Esta filiação traz para



o local a oportunidade de interação com outras integrantes da rede e sua organização, assim como aumenta a responsabilidade da vila de ser uma representante da Amazônia perante o mundo. A vila é composta por pessoas que residem no local desde antes de sua fundação até pessoas que se deslocaram de outras partes do país e mesmo do mundo, interessadas na possibilidade de uma vida mais comunitária, sustentável e integrada à natureza. A comunidade desde sua formação empreendeu diversas iniciativas para buscar sua autossuficiência.

O mutirão é uma representação viva do que foi herdado pelo líder religioso e fundador da Vila Céu do Mapiá, o querido e estimado Sebastião Mota De Melo. Os mutirões ficaram conhecidos com a grande força da comunidade para realizar trabalhos para benefício de todos, isso inclui a igreja, os caminhos, a escola, os roçados, entre outros.

Segundo moradores, desde a fundação da vila até o início dos anos 2000, os trabalhos eram realizados apenas em mutirões devido à ausência do Estado e construíram a vila toda assim. Na atualidade, os mutirões são realizados para manutenção da vila todas as segundas feiras, todos trabalham coletivamente e na hora do almoço todos almoçam juntos na cozinha comunitária localizada na Vila Céu do Mapiá, espaço de integração comunitária, onde ocorre as trocas de saberes.

No contexto da Floresta Nacional do Purus, localizada na Amazônia, a escassez e alto custo da mão de obra, a falta de maquinários e equipamentos para a produção e beneficiamento de alimentos, o acesso somente fluvial e a falta de acesso de políticas públicas (mesmo porque alguns dos moradores nem se quer possuem certidão de nascimento), são apenas menção de alguns dos vários desafios superados através do trabalho coletivo de ajuda mútua, mais conhecido como mutirão.

Por meio da realização de mutirões, os participantes buscam resgatar e fortalecer não apenas a relação de trabalho comunitário, mas também essa relação de integração coletiva entre as pessoas, e de conexão delas com o ambiente de forma geral.

As enchentes anuais seriam uma perturbação para o ecossistema. Um dogma antigo da ecologia é que, após uma perturbação, um ecossistema começa imediatamente seu processo de recuperação (GLIESSMAN, 2001, p.480). “E pós perturbação, a agricultura há muito tempo explora as vantagens da perturbação para manter o sistema agrícola no estágio inicial de sucessão. Isto é especialmente verdadeiro para sistemas de cultivos anuais.” (GLIESSMAN, 2001, p.485).

Devido à essas características, as praias formadas no rio Purus são importantes áreas de produção de alimentos saudáveis e ecológicos. Trata-se de se aproveitar da grande fertilidade das praias do rio Purus, ele pode ser para o mundo de hoje o celeiro que o rio Nilo foi para a antiguidade. A semeadura é realizada entre os meses de maio até o mês de junho e a colheita de agosto até outubro. Já para os que plantam em “terra firme”, o calendário agrícola é diferente.



(Fonte: Arquivo pessoal)

A experiência no Sudeste

Uma das bases da Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA) é a interatividade social entre pessoas do meio urbano com agricultores rurais. E esse processo se dá pelo financiamento da produção dos chamados co-agricultores para com um organismo agrícola que, quando chega a época das colheitas, acabam por receber semanalmente de 6 a 9 variedades de alimentos sazonais. Essa parceria, que geralmente se mostra entre *campo-cidade*, busca a consolidação do apreço pelo preço, do consumo de orgânicos ao invés de convencionais, do conhecer o produtor do alimento ao invés dos supermercados ou atravessadores, de levar o dinheiro direto ao agricultor por meio de um circuito curto de comercialização (BLOEMMEN, 2015; BRANCO, 2011; NETO, 2014; REZENDE, 2021).

Para que essa relação seja compatível com as necessidades dos agricultores que aderem a este formato de comercialização, existem alguns outros fatores que se mostram coerentes para a organização do organismo agrícola de maneira geral. O planejamento de ciclos é um deles, quando, no mês de maio de todo ano, agricultores e co-agricultores se reúnem, geralmente no organismo agrícola, para fazer, em conjunto, o desenvolvimento do que será plantado na próxima temporada. É levado em primeira instância as necessidades financeiras para mudas, sementes, equipamentos, ferramentas e possíveis perdas que possam acontecer durante esses processos. Também se considera o desejo de que seja plantado determinado alimento por parte dos co-agricultores mediante as possibilidades apresentadas pelos agricultores. Nesse mesmo dia de reunião, ocorre também as possíveis mudanças nos valores das cestas que são pagas de maneira mensal aos agricultores.

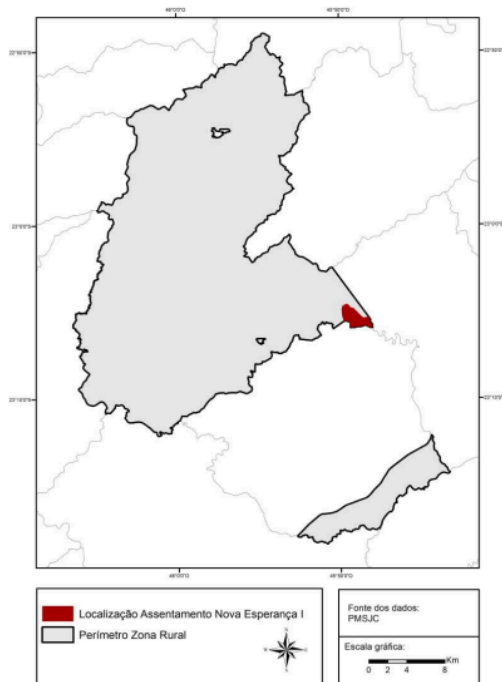


Figura 2. Coordenadas mapa **Fonte:** PMSJC, 2013 **Figura 3.** Trabalhadores em mutirão **Fonte:** Arquivo pessoal

Um outro fator debatido nas reuniões de planejamento, que serão essenciais para todo o ano, são as organizações de mutirões. Apesar da questão financeira ser um fator determinante para a produtividade de muitos agricultores familiares no Brasil, sem os mutirões, acabam por sobrecarregar os mesmos, podendo dificultar a periodicidade das entregas das cestas de alimentos. O exemplo apresentado, se dá pela CSA Guajuvira, localizada em um assentamento do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) no município de São José dos Campos, Vale do Paraíba, estado de São Paulo (Figura 2.). Esse organismo agrícola que leva o nome de Sítio Guajuvira, faz parte da experiência da CSA desde o ano de 2017 quando iniciaram com 15 co-agricultores. Até agora, no ano de 2023, já são cerca de 50.

Tendo em vista a produção de orgânicos necessária para a alimentação destas 50 famílias, são organizados mensalmente mutirões agroecológicos que visam para além de conduzir da melhor forma o manejo das espécies cultivadas no sítio, a criação de um espaço de solidariedade e partilha de conhecimentos. Nos dias em que acontecem os mutirões, é organizado um almoço onde cada família oferece um prato que será repartido ao final do dia de trabalho, criando-se assim, uma forma de colaboração e difusão de saberes entre cada um dos indivíduos participantes.

Resultados

Através da realização de mutirões, em ambas as experiências, os participantes buscam resgatar e fortalecer não apenas a relação de trabalho



comunitário, mas também essa relação de integração coletiva entre as pessoas, e de conexão delas com o ambiente de forma geral. Devido a organização dos mutirões, em especial nas colheitas, os moradores se sentem mais fortalecidos para plantarem e saberem que terão ajuda solidária, fortalecendo e mantendo os sistemas agroalimentares e a agrobiodiversidade local.

Os mutirões se tornam então, a promoção de um processo dialógico que compreende a reciprocidade de conhecimentos que valem tanto pro campo quanto para a cidade. Compreendendo os dois exemplos apresentados, observamos o quão intrínsecos estão as construções de ambientes de partilha de saberes, aliado a uma experiência em comum que une diferentes pessoas a um mesmo objetivo: uma forma de trabalho coletivo (CANDIDO, 1979; SILVA, 2022). Tratando-se, conforme Candido (1979), do princípio econômico de reciprocidade. Também fazendo uma análise a respeito dos mutirões, Silva (2022), aponta que para além da troca de dias de serviço, trata-se também de um processo educativo, de socialização e de técnicas de manejo agroecológico junto a promoção do conhecimento em agroecologia.

Agradecimentos

À Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) Câmpus de Ciências Agrárias e à Coordenação do Programa de Pós-graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural (PPGADR).

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) Código de Financiamento 001.

Agradecemos aos povos da comunidade da Flona Purus, onde com tanto amor e carinho protegem a floresta e sua biodiversidade em especial ao Javam Paiva Filho responsável pela casa de produção, ao seu Pedro Vicente e toda sua família, e a Renata e o Felipe Sena que com tanto amor e humildade deixaram suas vidas em Viçosa para se comprometerem com a causa em fortalecer a agricultura local.

A Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA) Guajuvira- SP. Em especial a Thaís, Elisa, Altamir e Mailson.

Referências bibliográficas

BLOEMMEN, Marjolijn; BOBULESCU, Roxana; LE, Nhu Tuyen; VITARI, Claudio. **Microeconomic degrowth: The case of community supported agriculture (CSA)**. Ecological Economics, vol. 112, p. 110-115, 2015.

BRANCO, MC; LIZ, RS; ALCÂNTARA, FA; MARTINS, HAG; HANSON, JC. **Agricultura apoiada pela comunidade: Poderia a experiência dos agricultores americanos ser útil para os agricultores urbanos brasileiros?** Horticultura Brasileira, vol. 29, n. 1, p. 43-49, jan/mar 2011.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável** –2ª ed. – Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.



GOULART, S. L. **Contrastes e continuidades em uma tradição amazônica: as religiões da ayahuasca.** 2004. 310 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2004.

NETO, D. N. F.; TORUNSKY, F. **Agricultura apoiada pela comunidade e a Economia Associativa de Rudolf Steiner.** Revista Espaço de Diálogo e Desconexão, Araraquara, v.8, n. 2, jan/jun. 2014.

REZENDE, Daniel Carvalho; PAIVA, Caroline Mendonça Nogueira; LEME, PH Montagna Vicente. **Community-supported agriculture (CSA) as an alternative market system: An appreciation-based activist order of worth.** Revista Interdisciplinar de Marketing, Maringá, vol. 11, n. 2, p. 182-195, jul/dez de 2021.

CANDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito: estudos sobre o caipira paulista e a transformação de seus meios de vida.** 5. ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1979.

SILVA, M; G. **Educação popular e experiências educativas em Agroecologia.** Rev. Ed. Popular, Uberlândia, v. 21, n. 1, p. 265-285, jan.-abr. 2022.